



REVISTA **ESCRIBAS**

OITAVA
EDIÇÃO



**LEI ALDIR
BLANC**

20 DE AGOSTO

DE 2025



Ficha Técnica

Direção de criação:

Maria Gabriela Cardoso

Produção:

Maria Gabriela Cardoso

Capa:

Walter JS Coutinho

Colaboradores:

Ademilson Lopes, Bibianne Terra, Conceição Costa, Draylton Tavares, Fernanda Azevedo, Gutierrez Filho, Juliana Alvim, Luciane Monteiro, Lucas Villela, Lucy, Maria Gabriela Cardoso, Maria José de Melo, Marina Stolfi, Mathenovê, Matheus Roberto, Miriam Célia, MMEDEIROSE, Nárjila F., Nicole F. Beyruth, Rafaella Óliver, Renata Mathias de Lima, Rodrigo Domit, Samara França de Campos, Sheisa Amaral e Walter JS Coutinho.

Comercial:

revistaescribas@outlook.com

coletivoescribas@outlook.com

(Proposta executada pelo Governo do Estado de Santa Catarina, por meio da Fundação Catarinense de Cultura (FCC), com recursos do Governo Federal e da Política Nacional Aldir Blanc).

SUMÁRIO

1. Capa

2. Ficha Técnica

3. Sumário

5. Colunistas

8. TEMA DA CAPA: LEI ALDIR BLANC - MARIA

GABRIELA CARDOSO

10. Desenho da capa – Walter JS Coutinho

11. ESCREVER PRA QUÊ - ADEMILSON LOPES

13. O PODER DA LITERATURA - CONCEIÇÃO

COSTA

15. Desenho - MMEDEIROSE

16. UM DIA DE CADA VEZ – LUCAS VILLELA

18. SOLTA O VERBO – MARIA GABRIELA

CARDOSO

20. ESCRITORA VOZ DO POVO – MARIA

JOSÉ DE MELO

22. Desenho - Nárjila F.

23. CHÁ DE BOLDO E DEVANEIOS

(IN)SUPPORTÁVEIS – MARINA STOLFI

25. CONTEMPLATIONIS – MATHEUS

ROBERTO

SUMÁRIO

27. CRÔNICAS DO MÊS – RENATA MATHIAS
DE LIMA

29. POESIAS, CONTOS & CRÔNICAS

36. Desenho – Rafaella Óliver

37. TEXTOS VENCEDORES DA NOSSA
CHAMADA

47. Desenho – Mathenovê

55. APOIE O NOSSO TRABALHO

56. Contracapa

COLUNISTAS

ADEMILSON LOPES

Ademilson Lopes, ou Adam Lino, escritor amador desde os 10 anos, escreve poemas, contos e canções. Paraibano, especialista em psicologia do trabalho e graduando em psicologia. Utiliza a escrita de forma terapêutica. Acredita que escrever é uma forma de se autoconhecer e de resgatar a imaginação. Autor do e-book de poemas autorais De Frente Pro Mar.



CONCEIÇÃO COSTA

A autora é piauiense, mas brasiliense de coração. Advogada de Direito das Famílias e Sucessões, escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Águas Claras - DF, Academia Independente de Letras - PE, Academia de Letras de Águas Lindas de Goiás, do Coletivo Escribas e colunista da Revista Escribas. Administra no Instagram o perfil literário "conversos_e_poesias." Ama livros, felinos, aromas, natureza e música.

LUCAS VILLELA

Escritor (best-seller), terapeuta, analista comportamental e consultor estratégico. Amante do comportamento humano, com diversas diplomações em hipnose, psicanálise, neurociência, filosofia, esportes (ex-treinador e coordenador técnico de futebol). Autor dos Livros: Você merece uma vida melhor, O Elo Invisível da Jornada, Ame Você, Segredos em Poesia, Chegando ao Mundo e Aprendendo a se amar.



COLUNISTAS



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas, faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.

MARIA JOSÉ DE MELO

Natural de São Caitano, município do Agreste de Pernambuco e atualmente reside em Jaboatão dos Guararapes (PE). É escritora, geógrafa e poetisa. Atualmente é membro do Coletivo Escribas e da Comunidade dos Escritores Admiráveis, da LC - Agência de Comunicação. Autora dos livros: A Renda Fundiária na transposição do Rio São Francisco e A Jitirana Poética.



MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas, SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente.

COLUNISTAS

MATHEUS ROBERTO

Sou um mero escritor que caminha num pátio noturno esperando acolhimento das sombras. Tenho 25 anos, escrevo faz pouco tempo, mas já produzi muita coisa. Amo a arte, mas especialmente a poesia e a pintura; naturalmente coincido as obras de arte com os textos. Acredito que a pintura e o poema são uma coisa só. Gosto bastante da arte “dark”: o gótico, o grotesco, o horror e outras formas “negativas” de expressão.



RENATA MATHIAS DE LIMA

Professora e escritora. Formação em Letras, pela UNIFAI/SP, e Pós-graduação em Língua Portuguesa, pela PUC/SP. Fundadora e escritora de crônicas no Blogue Mentes e Frutos. Membro da Antologia de 40 anos, Editora Scortecci, de Um Natal mais que especial, Editora Perse, e membro do Coletivo Escribas.

LEI ALDIR BLANC

No dia 11 de abril de 2022, dei início ao Coletivo Escribas, um grupo formado por escritores de todo o Brasil, com o intuito de crescer juntos, realizar projetos e participar de eventos e feiras literárias. Chegamos ao total de 40 integrantes, entre escritores profissionais e amadores. No ano seguinte, em 5 de julho de 2023, lancei a Revista Escribas, uma publicação digital e gratuita, tanto para autores quanto para leitores. Começamos publicando apenas textos e, logo depois, passamos a incluir desenhos, fotografias e a firmar parcerias com ONGs e projetos sociais. Mais adiante, transformei as edições em audiobooks, publicados em todas as plataformas de áudio e texto. Desde então, já lançamos sete edições.

Em outubro do ano passado, soube de um edital aberto aqui em Santa Catarina, onde moro, chamado Circuito Catarinense de Cultura. Convidei o autor e ilustrador Walter JS Coutinho, responsável pela maioria das capas das edições anteriores e o autor e CEO da Beija-Flor Editorial Lucas Villela. Reunimos todos os documentos necessários e enviei nossa inscrição. No primeiro resultado, não fomos selecionados, mas, como a nossa nota foi alta, ficamos nas vagas remanescentes.

TEMA DA CAPA

Assim, no segundo resultado do edital, divulgado em 16/06, descobrimos que nosso projeto, intitulado "Publicação e Doação de 300 Exemplares da Revista Escribas", havia sido selecionado. Hoje, a Revista Escribas existe nos formatos digital, audiobook e também físico. Os exemplares serão doados para comunidades, bibliotecas e escolas das cidades de Porto Belo, Itapema e Bombinhas, Santa Catarina.

Se você tem este exemplar em mãos, saiba que está diante de um sonho sonhado por diversas pessoas e realizado por meio da Lei de Incentivo Aldir Blanc. Em homenagem a essa lei e ao próprio autor e compositor Aldir Blanc, que faleceu em 2020, vítima da Covid-19, a capa desta 8ª edição traz o rosto dele estampado.

Deixo aqui meus agradecimentos a todos que acreditaram nos meus projetos. Vocês sempre estarão em meu coração. Lembrando que, tanto a Revista Escribas, quanto o Coletivo Escribas, são projetos gratuitos para todos e têm como objetivo a democratização da leitura e da escrita. Nos acompanhe nas redes sociais e ajude a fortalecer a literatura nacional.



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas. Faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.



WALTER JS COUTINHO

Como fomos aprovados na Lei Aldir Blanc, nesta edição decidimos colocar o autor e compositor Aldir Blanc no desenho da capa para homenageá-lo. As cores roxa e azul foram escolhidas para transmitir um ar divertido e alegre. A posição dele, olhando para cima, foi pensada para simbolizar que está lendo o título da revista.

Cidade/estado: São João da Barra/RJ.
Perfil do Instagram: @autorwalterjscoutinho

ESCREVER PRA QUÊ?



Escrever para... não surtar!

Acordar antes do sol nascer, para não dizer de madrugada, pegar um ônibus lotado que segue um percurso longo e demorado ao lado de outros ônibus lotados percorrendo o mesmo percurso longo e demorado... duas horas depois de chegar no trabalho, já cansado, produzir demandas que nunca param de chegar e se propagam tão rapidamente quanto passa a tarde de domingo.

Após mais de oito horas em um ambiente hostil, pegar mais um ônibus lotado que segue um percurso longo e demorado, de volta, ao lado de outros ônibus lotados percorrendo o mesmo percurso longo e demorado. Então... é chegar em casa e descansar, certo? Não! Agora é cuidar da casa, dos filhos e do doguinho. Preparar o jantar e o almoço do próximo dia, para então deitar com a cabeça cheia de pensamentos, preocupações e demandas para então dormir de tanto cansaço, acordar algumas horas depois e repetir este mesmo processo até concluir sete dias da semana. Ufa! Este caso não é sobre uma pessoa específica, nem um certo grupo, mas pode representar vários grupos e pessoas que possuem uma rotina que mal tem tempo para se esvaziar de um estresse e logo vem outro para perturbar. E aí, eu lhe pergunto, caro leitor, como ter saúde mental em meio a esta realidade? É somente a psicoterapia "em dia" que vai solucionar estas questões? Não tenho a solução, mas posso garantir que a resposta para ambas as questões é NÃO!

E enquanto não descobrimos, o que podemos fazer? Bem, eu sugiro que você tente esvaziar a sua mente o máximo que puder, de uma forma simples, ou não, no local que você estiver. Escreva o que te aborrece, tome nota sobre o que precisa fazer, faça listas de prioridades, coloque para fora aquilo que quer gritar e ainda não consegue. Talvez, fazendo isso, você consiga respirar um pouco mais aliviado e ficar com a mente mais criativa.

E, então, que tal escrever para não surtar?

ADEMILSON LOPES

Ademilson Lopes, ou Adam Lino, escritor amador desde os 10 anos, escreve poemas, contos e canções. Paraibano, especialista em psicologia do trabalho e graduando em psicologia. Utiliza a escrita de forma terapêutica. Acredita que escrever é uma forma de se autoconhecer e de resgatar a imaginação. Autor do e-book de poemas autorais De Frente Pro Mar.



@psi.adam





O Poder da Literatura

O RESGATE DA LEITURA À MODA ANTIGA

Vimos nas últimas décadas a explosão da tecnologia invadindo a vida de uma forma, inicialmente, fascinante, de modo a trazer avanço e rapidez para o cotidiano. Contudo, atualmente, vivemos as consequências dessas facilidades trazidas pelo mundo virtual. As mentes já não se ocupam a guardar dados, senhas, números telefônicos e muitos trocaram o hábito de ler pelo vício de deslizar o dedo pela tela, passando horas visualizando conteúdos aleatórios.

Contudo, estamos vivenciando um movimento de desaceleração, de resgate de práticas de um tempo mais analógico. Estamos voltando, lentamente, a apreciar o livro físico com a ascensão de encontros de pessoas, conhecidas ou não, para discussão sobre livros previamente escolhidos. São os chamados clubes de leitura ou clubes do livro.

Outro dia, fui curadora de um desses encontros, em uma livraria que fica em Brasília, no Distrito Federal e constatei que as pessoas estão começando a desapegar das telas para estar socializando, presencialmente, com pessoas que tem um interesse comum: o amor pela leitura e pelos livros. Resgatando assim a leitura à moda antiga.

A partir dali percebi que estão acontecendo vários clubes de leitura de forma concomitante, inclusive já me deparei com conflito de horários, que me colocou um dilema delicado, por não saber de qual eu participaria. Mas, confesso, que esse é o tipo de problema que gosto de ter e sugiro que todos experimentem. Espaços como livrarias, sebos, bibliotecas e cafés abrem suas portas para pessoas que buscam desacelerar e apreciar a leitura, as bebidas, os lanches e o próprio ambiente com mais calma. Oportunamente, unem música e poesia. Esses espaços de acolhimento acabam dando força a esse “movimento slow”, esse resgate de leituras mais detidas, com reflexões mais profundas, também nos presenteia com a participação crescente de encontros biblioterapêuticos. A conexão que agora se busca já não é virtual, mas é a conexão com o próprio eu.

CONCEIÇÃO COSTA

A autora é piauiense, mas brasiliense de coração. Advogada de Direito das Famílias e Sucessões, escritora, poeta, membro da Academia de Letras de Águas Claras - DF, Academia Independente de Letras - PE, Academia de Letras de Águas Lindas de Goiás, do Coletivo Escribas e colunista da Revista Escribas. Administra no Instagram o perfil literário “conversos_e_poesias.” Ama livros, felinos, aromas, natureza e música. Tem alma de poeta e vê a poesia diante de seus olhos em todos os lugares.



@conversos_e_poesias



A watercolor illustration in shades of brown and tan. It depicts a person with long, flowing hair, possibly a woman, looking upwards. A small black star symbol is positioned near the top of the hair. The background is a light, textured wash of brown. A purple banner is overlaid on the left side of the image.

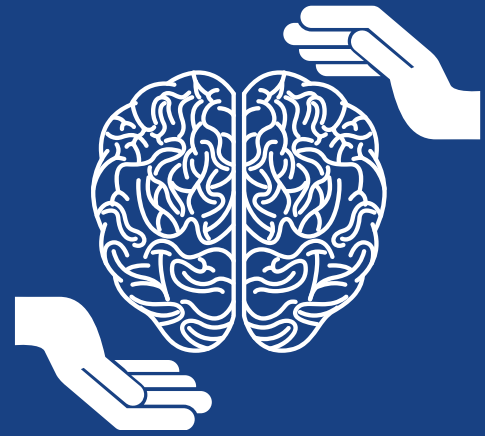
SELECIONADOS DA CHAMADA

MMEDEIROSE

Cidade/estado: Fortaleza/CE
Perfil do Instagram: @mmedeirose

UM DIA DE CADA VEZ

Saúde Mental — Poesia — Versos



VOCÊ JÁ RESPIROU HOJE?

Como é difícil sentir,
a essência de viver.
Mente nublada,
Sociedade contaminada.

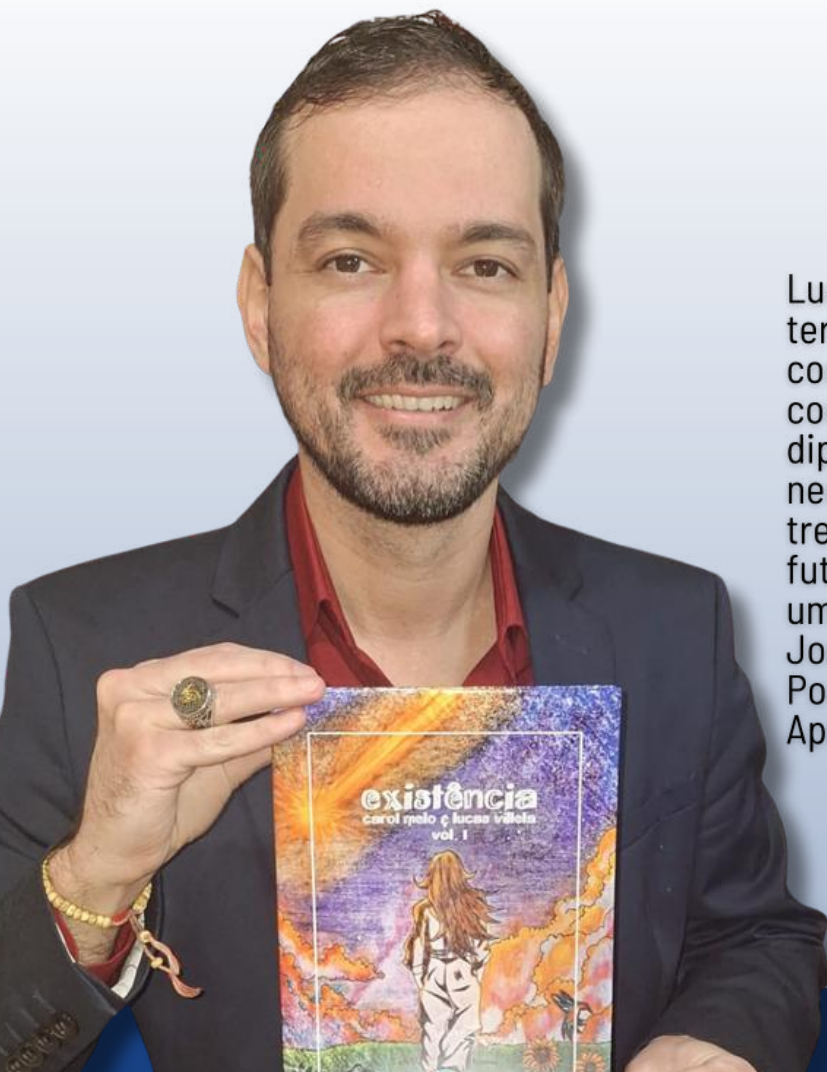
Guiados por uma tela,
Fazendo quem tem poder,
Cair em gargalhada.

Ninguém pode te definir,
O que gosta, o que sente...
Ninguém pode te explorar,
A vida é sua,
Só sua...

Pare agora,
E sinta...

**A respiração conectada ao corpo,
Fazendo seu coração vibrar.**

**Permaneça presente,
Sua mente agradece.
Cuide de você,
hoje e sempre!**



LUCAS VILLELA

Lucas Villela é escritor (best-seller), terapeuta, analista comportamental e consultor estratégico. Amante do comportamento humano, com diversas diplomações em hipnose, psicanálise, neurociência, filosofia, esportes (ex-treinador e coordenador técnico de futebol). Autor dos Livros: Você merece uma vida melhor, O Elo Invisível da Jornada, Ame Você, Segredos em Poesia, Chegando ao Mundo e Aprendendo a se amar.

@lucassvillela





SOLTA O VERBO

Café de Amanhã

Pão na chapa enche de açúcares
os vasos sanguíneos do burguês ao acordar
de açúcares padece o corpo cansado
sem pão na chapa na mesa ao levantar

Frutas fornecem nutrientes essenciais,
lipídeos e vitaminas que enchem o cérebro de energia;
uma uva, uma manga, uma banana
trocam de preços todos os dias no mercado:
a saciedade está tão cara comprar!

Mas o pão, o pão têm simbolismo divino
na alimentação
foram multiplicados, são o corpo de Cristo
cada pedaço fora dividido após terem sido ungidos
em suas santas bênçãos

Hoje, à mercê do Estado
que não é divino,
nem pai, nem democrático,

o pão, de tão caro, contrasta desigualmente
com miseráveis salários
condenando à inanição!

**O pão divide o burguês do proletário;
enquanto a mão de um estica-se
para no miolo algo ali passar
outras, juntas, rezam à noite
para quando, no café da manhã
do amanhã,
o estômago logo acordar.**



MARIA GABRIELA CARDOSO

Escritora, poetisa e roteirista gaúcha. Idealizadora do Coletivo Escribas e da Revista Escribas. Faz parte de diversas instituições e organizações que visam os direitos das mulheres, LGBTQIA+ e do meio ambiente. Ficou conhecida como Lua Pinkhasovna abordando temas como política, sexualidade e questões sociais. Hoje usa seu nome de batismo para assinar os textos.

@luapinkhasovna



ESCRITORA VOZ DO POVO

O PODER DA PALAVRA ESCRITA

O meu terceiro livro, “Memórias Literárias de Amora: uma carta-manifesto”, publicado pela Beija-flor Editorial, surgiu a partir de uma Carta-Manifesto de 18 páginas, escrita por mim em outubro de 2021. Na época, o feito até foi julgado como impulso-afetivo, pouco guiado pela razão. Contudo, para além disso, nasceu um texto que, de maneira inédita, me fez ter a coragem que jamais imaginei: a de conseguir derrubar os muros do silêncio referente à violência sexual através da palavra escrita. Portanto, a literatura me ajudou a olhar a mulher que havia em mim e a ter coragem para buscar repertório teórico que aumentasse o meu nível de conhecimento cultural e de instrução sobre o fenómeno da violência sexual.

Ou seja, para perceber e analisar dialeticamente um crime sexual, era necessário desenvolver capacidades analíticas, mas também conscientizar-me sobre a responsabilidade das minhas ações e sobre a importância do meu papel social como intelectual que pertence às classes populares. Todo esse processo contribuiria para tirar de mim o sentimento de culpa que me acompanhava há anos e, conseqüentemente, também a não ficar refém do medo. Com isso, ganhei maturidade, confiança, condições emocionais e objetivas para sair da condição de “de ser uma mulher extremamente vulnerável” para qualquer tipo de agressor.

No entanto, também entendo que a verdadeira transformação pessoal só pode acontecer quando há, concomitantemente, uma transformação social. A literatura conseguiu transformar a minha vida quando “a palavra” escrita por mim me deu pequenos impulsos para uma libertação emocional. Contudo, isso só foi possível porque sempre me guiei por uma prática e teoria revolucionárias. Aliás, acredito que seja melhor eu falar que, no meu processo de recuperação e luta, fui guiada por um método universal e científico: o materialismo histórico e dialético.

NEM TODO TRAUMA DURA PARA SEMPRE!



MARIA JOSÉ DE MELO

Natural de São Caitano, município do Agreste de Pernambuco, atualmente reside em Jaboatão dos Guararapes-PE. É escritora, geógrafa, colunista e poetisa. Autora dos livros: *A Renda Fundiária na transposição do Rio São Francisco* (2021), publicado pela editora Índica, *A Jitirana Poética* (2023), pela editora Toma Aí Um Poema e *Memórias Literárias de Amora: uma cartamanifesto* (2025), publicado pela Beija-flor editorial e continua escrevendo o seu projeto autobiográfico.

@mariademelo_escritora





SELECIONADOS DA CHAMADA

NÁRJILA F

Cidade/estado: Baturité/CE
Perfil do Instagram: @narjila_f_



Chá de boldo e devaneios (in)suportáveis

Qual o seu sonho favorito?

Desde criança eu tenho os mesmos sonhos, não com o mesmo roteiro, mas com a mesma sensação. Neles, eu flutuo com uma facilidade impressionante e consigo sentir todo o meu corpo se desprender do chão, apesar de, na realidade, nunca ter experimentado tamanha leveza. Já fiz tirolesa, mas as vivências não são comparáveis, pois enquanto uma é fictícia, fácil e espontânea, a outra é veloz, cheia de adrenalina e uma história de superação nada tranquila do meu medo de altura. O ato de flutuar nos sonhos é uma zona segura de apenas alguns centímetros longe do asfalto, no máximo um metro.

Eu acredito que tudo isso diz muito sobre mim, sobre os limites da minha ambição, sobre o que eu considero seguro, sobre o tipo de risco que me é natural correr. O título e conteúdo dessa matéria talvez sejam um pouco estranhos, já que nunca vi ninguém perguntar por aí “qual o seu sonho favorito?”, mas deveriam! A Logoterapia de Viktor Frankl acredita que a felicidade real é pautada no significado que você dá para sua própria vida, a partir das decisões que é capaz de tomar, apesar das outras pessoas e das opressões que a sociedade pode causar.

No meu caso, meu significado de vida é exatamente a procura por essa levitação, simbolicamente. Ser uma pessoa mais gentil, me conhecer, me expressar com propósito, aprender a controlar minha ansiedade, falar com Deus, tudo isso me permite a leveza de fechar os olhos durante a noite e ter um dos meus sonhos favoritos. Para concluir a reflexão de hoje, quero salientar novamente o quanto esse estado de espírito em construção independe de todo o resto e como, de certa forma, é resposta e resistência a todos os sofrimentos. Nessas minhas aventuras noturnas, muitas vezes tudo desmorona, sou perseguida por ursos nada parecidos com a doçura de Artio em Introspecção (meus leitores entenderão a referência), me perco em ruas, perco ônibus, brigo com pessoas, quase morro... Mas no final, não conta como pesadelo se eu flutuo, se resolvo as coisas comigo mesma e relevo o que não consigo controlar, se sou mansa, mas ainda assim, corajosa e forte. Óbvio que tudo é muito mais complexo que isso, resumo para vocês apenas uma mudança de paradigma e questiono se sou apenas eu que tenho um sonho favorito. Até a próxima!

MARINA STOLFI

Poetisa, contista, cronista e romancista nascida em Campinas-SP, mas criada como viajante, Marina já conheceu diversos estados, tendo a oportunidade de morar em Minas Gerais e Pernambuco, onde reside no momento. Participou de cinco antologias poéticas desde o ano de 2021, é responsável pelo perfil criativo Para Ver e Ler e, atualmente, trabalha de forma independente, explorando e inventando mundos em poesia e ficção, contando com diversos e-books e uma fantasia disponível em livro físico.

@marinastolfi.autora



CONTEMPLATIONIS

TEMA — CONTEMPLAÇÃO

Apologia à Fantasia

Existe um aspecto essencial na poesia, e as crianças o conhecem bem: a fantasia. A imaginação é um modo de fantasiar sobre pessoas e coisas, um recurso caro aos poetas como eu, porque quando crescemos, somos ensinados a entender o mundo no preto e no branco. A cansativa vida adulta proíbe o uso da imaginação. Vivemos na era do esclarecimento, onde só cabe apenas o óbvio, o cru, o transparente. Claro, a informação e a ciência são duas forças importantes para o ser humano... mas e quando elas matam a criatividade, ainda existimos?

Tornei-me existente porque o poema abre margem à ambiguidade, isto que rompe a lógica padrão da linguagem. Um céu "corrompido por cacos de vidro" pode representar a chuva ou estado de tristeza do autor; "asas draconianas da noite" podem ser morcegos. Ora, do céu não caem cacos de vidro, e morcegos não são dragões em nenhum céu. Mas no imaginário tudo é possível!

Nesse mundo o segredo é sermos nós mesmos, do nosso jeitinho, criar universos inteiros a partir do nada. Só que para isso é importante prestar atenção ao redor. É o que chamamos de contemplação, palavra muito importante para mim, um mero discípulo da fantasia. Sou devoto da observação detalhada das árvores; ouço o som das marés que esse Brasil tanto tem; toco e sou tocado por abraços daqueles que amo. Em resumo, voou como um morcego diurno, buscando, não sangue, mas sim experiências.

Nós adultos carregamos diversas experiências, mas todas elas carecem de algo maior. Quanto mais converso com as pessoas, mais me tenho como servo da poesia. O que adianta experimentar as delícias do mundo se, no fim, morreremos? A resposta, a qual concluí após pequenas desavenças com o mundo, é que a eternidade nos é dada literalmente em vida: pessoas morrem, versos ficam.

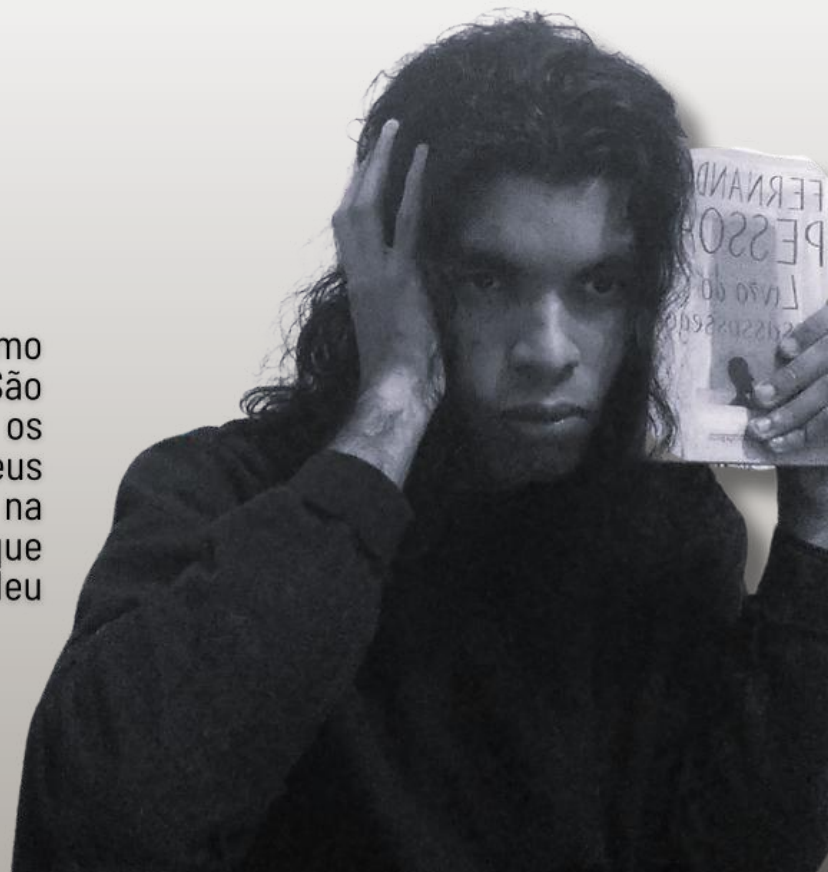
Não sei se existe vida eterna, mas sei que palavras podem transcender o tempo. Elas não ensinam, elas apenas existem. Como diria Rubem Alves: "O desejo que move os poetas não é ensinar, esclarecer, interpretar. Essas são coisas da razão. O seu desejo é mágico: fazer soar de novo a melodia esquecida".

MATHEUS ROBERTO

Sou o Matheus Roberto, de pseudônimo "Reirazinho". Moro no interior de São Paulo e gosto de dialogar com os demônios do interior dos meus pensamentos. Tenho interesse na melancolia e na profundidade que revelam as condições humanas. Meu interesse maior é pela poesia.



@_reirazinho



CRÔNICAS DO MÊS

O que tem pra hoje?

Várias podem ser as leituras. Mas o sentido que busco é o de passagem obrigatória pelo presente para construirmos os degraus para o futuro. Somos andarilhos. Andamos tortos, ora à margem, ora sobre a via. O choro e o riso consomem a mesma energia para os disfarces. Choramos. Rimos. Fingimos. Fazemos de conta. Chamamos de amigo com facilidade assustadora. Rompemos. Anotamos. Validamos. Esquecemos. Resgatamos. Dormimos. Acordamos. O verbo nos representa. Não o Verbo de João, mas o da resposta que temos dado à vida: um fazer esvaziado de sentido. O que tem pra hoje? Por ora, este verbo, esta lotação apertada de coisas feitas que não nos lembramos dos motivos da realização. São tantos os verbos realizados, que temos nos perdido nas conjugações: choramos. Mas choraríamos? Esquecemos. Mas teríamos nos esquecido? Dizemos, mas dissemos? Se choraríamos, por que há aqueles que choram choros invisíveis? Se acordamos, por que nossos olhos ainda não enxergam? Rotas tortas têm sido o norte nas agendas mancas. Utilizamos lápis para marcarmos que passamos. Mas alguém tem utilizado borrachas que fortalecem o esquecimento. “O que tem pra hoje” não é acomodação da mesmice, do medíocre e do hóspede “fazer o quê?”, mas do avançar. Entretanto, buscamos atalhos doentes que nos reconhecem.

Aceitar que estamos perdidos, mas há trajeto e lugar de rotas. Estar perdido não é vitalício, mas provisório. Somos andarilhos, ainda. Uma inconstância nos acomoda num ar fresco que temos dificuldades de sair. Queremos sair? Somos nômades em busca de estruturas sólidas. Sofremos de um amadorismo quando desprezamos o feito, o construído. Por que insistimos? Por falta de memória de dores intensas. Insistimos nas perguntas vazias, na ociosidade, na espuma que vende. Quem corta a fita não é aquele que resolverá o problema. O que tem pra hoje? Somos andarilhos e agora, alheios, o que dificulta a aceitação do que se tem pra hoje. A não aceitação nos atrasa. Poderíamos estar mais altos na escada. Não basta querer. Não há mágica. A autoajuda vende, por isso existe. O mínimo é relevante. O que tem pra hoje é condição para avançarmos. Sem ela, precisaremos reaprender a cozinhar o feijão. Um incômodo pensamento de Guimarães Rosa diz: “Viver é etecetera...” Somos este etecetera. Por isso, o que tem pra hoje não pode ser desprezado, nem abreviado. Nossa maleta vai cheia de eteceteras que conversam com o que tem pra hoje.

RENATA M. DE LIMA

Professora e escritora. Formação em Letras, pela UNIFAI/SP, e Pós-graduação em Língua Portuguesa, pela PUC/SP. Fundadora e escritora de crônicas no Blogue Mentese Frutos. Membro da Antologia de 40 anos, Editora Scortecci, de Um Natal mais que especial, Editora Perse, e membro do Coletivo Escribas.



@mentese frutos



**REVISTA
ESCRIBAS**

**POESIAS
CONTOS &
CRÔNICAS**

**REVISTA
ESCRIBAS**

FALSA VERDADE

Um dos pontos mais importantes em uma história é o personagem. Essa entidade fictícia normalmente move o enredo, faz tudo acontecer e a interação entre os personagens cria o movimento da história. Justamente por ter essa importância, ele é motivo de preocupação constante de quem escreve. Quando vamos criar essa entidade de mentira precisamos responder uma série de perguntas: Quem é essa pessoa? É uma pessoa? O que ela almeja? Qual o conflito que a faz avançar na história? É homem? É mulher? É trans? É branco? É negro? Indígena? E um sem-número de outras perguntas pra construir esse ser que irá dialogar com outros personagens e com quem lê o texto, seja ele conto, romance, novela, etc. Aqui está a falsa verdade. Entre quem escreve e quem lê acontece um acordo, ambos vão tomar como verdade a personagem de mentira criada para a história acontecer, a isso chamamos de "pacto de leitura". Onde as mentiras contadas pelo escritor serão tomadas como verdade pelo leitor. Pois toda a história é uma ficção, uma falsa verdade. Mesmo quando é uma biografia, ela é um recorte de uma vida contada pelo enfoque de quem escreve, não é a verdade plena sobre alguém. Criar essa pessoa falsa e dar-lhe ares de verdadeira obriga quem escreve a ser um observador de pessoas, obriga a ser convincente, por mais que a personagem seja completamente absurda. O leitor irá acreditar naquilo enquanto a história durar, mas para isso deve haver verossimilhança, deve haver razão, sentido, coerência. Como exemplo temos o Superhomem, ele voa, tem superforça, visão de raio-x e tudo isso é tomado como verdadeiro pelo leitor enquanto se debruça sobre o quadrinho, ninguém pede

explicações físicas, matemáticas ou científicas para isso. É aceito como verdade e a história funciona. Ou nos livros de Jack London, acompanhamos animais experienciando a vida com sentimentos, objetivos, razões próprias, e acatamos isso dentro da história. Ou até Drácula, o absurdo de um vampiro sugador de vidas transformando-se em morcego, em névoa e vivendo imortalmente, também aceitamos isso enquanto dura a história. Todos esses exemplos, que eu poderia passar páginas e páginas citando, trazem uma coisa em comum: verossimilhança. Acreditamos nesses personagens porque eles têm atitudes, ações, sentimentos e outros pontos iguais a algum ser humano que já vimos em nossa vida. Eles são completamente plausíveis, são possibilidades reais de existência. Grandes autores e autoras são capazes de criar pessoas de mentira tão reais que nos convencemos de sua falsa verdade.



DRAYLTON TAVARES

Nascido em Recife no dia da mentira de 1986, é contista, poeta e escritor. Escreve há vinte anos, mas só recentemente tomou coragem e colocou seu bloco na rua. Com a literatura no campo do terror, da ficção especulativa e da crítica social. Lançou o livro Sexta-feira: 13 contos de horror moderno e os contos: Quando a Carapuça Coube, O Onironauta e Imitação Autômata.

@draylontavares



O RELÓGIO COM ROSTO DE PALHAÇO

Depois de acordar de madrugada, assustado com um pesadelo, o garoto levantou, foi até o interruptor e acendeu a luz de forma automática. Em seguida, sentou-se na cama sem entender muito bem o porquê de ter feito aquilo. Coçou a cabeça bocejando. Seus olhos perdidos passearam pelo quarto. Olhou para a porta por um segundo, depois para o ventilador e para a mesa com os papéis de desenhos e gibis. Havia perdido parte do sono, mas seu corpo ainda estava pesado e letárgico e seu pensamento sonolento. Olhou então para o relógio da parede que tinha o rosto de palhaço sorridente. Faltavam cinco para as três. Aquele relógio... nunca tinha parado para olhar com atenção seus detalhes, mesmo que ele já estivesse ali há um ano e pelo menos alguns meses fazendo parte da decoração do quarto, de uma forma mais útil. O centro do relógio era o nariz vermelho do palhaço, de onde saiam os ponteiros da mesma cor.

Seus olhos ovais e arregalados, sempre abertos, pareciam observar atentamente a tudo o que acontecia no quarto. Teriam esses olhos vistos as sombras voadoras também? E quando ele ficava sem roupa no quarto, para se trocar, aqueles olhos ficavam observando? O sorriso do palhaço, abaixo do nariz, continha uma expressão alegre, mas também havia um quê de sarcasmo nela. Sua mente evocou a lembrança antiga de um palhaço de circo rancoroso e vingativo que gargalhava de forma maquiavélica que tinha visto em um desenho animado que não lembrava mais o nome, apenas o som da risada. Uma sombra habitava aquela gargalhada da mesma forma que habitava o sorriso daquele relógio. Pois era possível ver ali a zombaria de alguém que está próximo a explodir em uma risada.

Da mesma forma era possível ver algo de sádico no sorriso. E embora houvesse todas aquelas coisas boas e más de uma só vez naquele relógio, ele fazia muito bem o seu trabalho, dia após dia, incansavelmente, sendo o informante do tempo para o seu dono. E assim seria até seu último tiquetaquear. Tic. Tac. Tic. Tac. Tic. Tac.... Agora o relógio marcava exatamente as três horas. Ele olhou com atenção. O ponteiro do segundo havia parado bem no momento em que o relógio marcou três horas. O garoto esperou que mexesse, mas não aconteceu. Esperou mais alguns segundos. O ponteiro, pelo jeito, tinha realmente parado... Que estranho! Sim, era uma coincidência bem estranha mesmo! Aquele horário, pelo que lembrava das histórias dos primos e amigos, era um horário maldito. Um portal infernal se abria naquele horário e as criaturas malignas e a alma dos mortos, podiam andar livres pelo nosso mundo. Esse era um horário que ninguém gostava de estar fora de casa ou acordado, mas ele estava... apenas ele e aquele estranho relógio com rosto de palhaço.



GUTYERREZ FILHO

Gutierrez Filho é amazonense, nascido em 1988, Desenvolvedor e autor da série de livros O Clube da Noite. Atualmente mora com sua esposa e filhos em Santa Catarina.

@gutyerezfilho



PAIXÃO PROIBIDA

Debruçou-se na varanda a admirar o pôr do sol, o espetáculo dourado de fim de tarde inspirava-lhe sonhos. Suspirou movida pela melodia aliciante que invadia aquele momento de solidão. Pontual novamente. Sempre às seis e cinco, hora em que o vizinho do sobrado verde chegava do serviço. Podia imaginá-lo sentado na cadeira rústica da cozinha enquanto a esposa lhe preparava o café. A rotina era sempre a mesma, ele iniciava tirando da viola o som suave como se acariciasse sua musa antes de vê-la encarnar a personagem favorita. Depois passavam à sala, onde ele arrancava o flamenco da viola, e então, só então, o espetáculo começava. O coração da jovem pulava descompassado. Ah, paixão tórrida que doía na alma! A jovem sofria, sofria ao mesmo tempo que sorria extasiada com a dança sensual de sua vizinha, Estela, que não era linda, nem jovem, mas tinha o que ela mais desejava: a graça dos movimentos da sua dança. Ali, a poucos metros, estava tudo o que desejava: a dança, o movimento arrebatador. Estela era estrela porque dançava, enquanto a jovem sofria, presa à cadeira de rodas a alimentar calada a ilusão da dança sob seus pés imóveis.

LUCIANE MONTEIRO

Escritora por paixão, gosta de mergulhar no universo feminino, masculino ou infantil, com o intuito de desvendar os nós de cada um, inventando novas possibilidades para cada realidade diante de seus olhos! Autora de livros de literatura infantil, infantojuvenil, contos e romances. Atualmente, mora no Canadá, onde, com o Voix de Pasaj, difunde a interculturalidade no Québec.



@lucianemonteiro.escritos



SOL E REFLEXO

"A vida é a maior escola", foi o que eu ouvi. Estou aprendendo na prática. Meu raio de sol fazendo a lua brilhar. Mas a tempestade chega, uma hora ou outra, e não há nada que possamos fazer. Mas, considerando tudo, não duvido que eu te espere chegar. Mas, por medo de falar o que na garganta arranha, não duvido que eu te deixe ir. Duvido que eu consiga me afastar, também não sei se seria justo. Então faço piadas sobre o que o ainda significa. Falo o que tenho vontade de falar, nas entrelinhas quando você não pode ouvir. Ensaio a melhor forma, mas não existe um jeito bom. Não há um jeito bom de dizer algo que é tão confuso que você não sabe verbalizar. E, ao tentar, as lágrimas não podem parar. Por que parece tanto que me envolvi numa guerra contra o espelho, contra mim e o que quero? Por que parece tanto que estou mergulhando de cabeça nesse caos, mesmo quando estou morrendo de medo de me afogar? Por que parece que eu sou a luz do sol e a chuva da meia noite? **-meu próprio eclipse.** *Trecho do livro "Sol e Reflexo".



NICOLE FELIPPE BEYRUTH

Nicole Beyruth é do interior do Rio de Janeiro e cresceu sonhando com histórias fantásticas. Com 15 anos escreveu "Lendas Reais", seu primeiro livro, posteriormente, se encantou pela escrita. Atualmente, cursa Letras: português e literatura e publicou seu segundo livro "Sol e Reflexo".

@fbeyruth.nicole





SELECIONADOS DA CHAMADA

RAFAELLA ÓLIVER

Cidade/estado: Canoas/RS
Perfil do Instagram: @oliver.raffaa

**REVISTA
ESCRIBAS**

**TEXTOS
VENCEDORES
DA NOSSA
CHAMADA**

**REVISTA
ESCRIBAS**

Em um dia como esse, quem não iria querer viver?

O sol invadia tudo — o quarto, a casa, meu peito. O cheiro das folhas queimadas pelo calor da manhã se misturava ao aroma do café recém passado, que logo se espalhou pelo ar como convite à vida. Respirei fundo, sentindo disposição e vontade de viver:

— Em um dia como esse, quem não iria querer viver?

Mas a pergunta, filosófica e leve, logo ganhou outros tons. Antes de ir para o trabalho, passei no posto de saúde — tinha uma consulta marcada. Enquanto aguardava, aquela pergunta ainda martelava meus pensamentos. Abri um livro para me distrair, mas logo fui vencido pelas vozes ao redor. A enfermeira fazia a pré-triagem de quem chegava em busca de atendimento emergencial. Histórias tristes, olhares abatidos, diagnósticos difíceis.

Pedidos por remédios que não chegam. Receitas vencidas. Cirurgias adiadas sem previsão. E pensei: talvez ali, algumas daquelas pessoas já não quisessem viver. Ou estivessem cansadas demais, sobrecarregadas demais, para perceber que o dia estava perfeito — e pedia por vida. Saí da consulta e segui para o trabalho. No ônibus, uma mãe carregava o filho no colo. Usava um cordão com girassol pendurado no pescoço e o olhava com ternura. Mas, de repente, vi lágrimas escorrendo por seu rosto. Tentou esconder, virando o rosto para os cabelos encaracolados do menino — como se o mundo parasse ali. Seu semblante já não era de contemplação, era de preocupação. Mais uma vez, alguém que talvez não estivesse enxergando o dia bonito.

No trabalho — um banco que atende pedidos do INSS —, recebi uma mulher que recusaria o benefício, se pudesse. Era pensão por morte. Com os olhos marejados, disse que preferia o marido ao lado a qualquer valor que o substituísse.

A cliente seguinte era mãe de um menino com deficiência. Ela havia conseguido o benefício e começaria a receber. Embora desejasse que o filho não tivesse aquela condição, sabia que isso não poderia mudar. Agradecia a Deus pelo dinheiro que viria para ajudá-la a seguir.

O último atendimento do dia foi de um homem que se aposentava após quase cinquenta anos de trabalho. Estava emocionado, visivelmente feliz. Contava seus planos, os sonhos adiados, o alívio. Com os olhos úmidos e o sorriso largo, disse que aquele era um dos dias mais felizes de sua vida.

Na volta para casa, sentado à janela do ônibus, observei o caminho e pensei, de novo:

— Em um dia como esse, quem não iria querer viver?

A resposta, talvez, esteja em cada rosto que encontrei. Cada um carrega uma história. Há quem viva lutas silenciosas e suplique por minutos de paz. Há quem só deseje outra vida. E há quem, mesmo entre dores, ainda enxergue beleza no mundo — e se agarre a ela como quem segura, com força, o último fio de sol.

BIBIANNE TERRA

Cidade/estado: Praia Grande/SP
Perfil do Instagram: @bibianneterra

Delírios Puerperais: *O sopro escuro da maternidade*

Oi, alguém aí? Alguém? Estou com medo. Alguém poderia me ajudar? Estou cansada. Com fome. Sobrecarregada. Estou... ah, estou com tantos sentimentos! Mas espera — tem uma criança chorando. Gente, ela não para! Que criança chata! Cadê a mãe dessa criança? Eita. Sou eu. Eu sou a mãe. Essa criança depende de mim. Eu não posso mais morrer. Eu não posso mais viver. Eu não posso... pensar tanto. Calma. Respira. Pronto. O bebê parou. Era fome. Disseram que o leite materno é o melhor alimento. Mas, calma, criança, vá devagar... está doendo!

Meu Deus, que dor! Então é isso que diziam ser o “melhor momento” da vida? Eu quero a minha mãe. Mas agora... a mãe sou eu. Como faço para voltar ao que eu era antes? Ah... não volta. Falaram que a amamentação é livre demanda. Eu não vou aguentar! Mas acho que estou me sentindo melhor hoje. Acho que estou começando a amar essa criança. Acho que gosto de ver esses olhinhos que me buscam. Pera... alguém está falando comigo. Ah, era um palpite. Agora tenho que lidar com isso também? Gestar, parir, amamentar, cuidar, não dormir, lidar com hormônios... E ainda enfrentar a sociedade?

Me disseram que é preciso uma aldeia pra criar um filho. Achei bonito. Só não avisaram que a aldeia invalida a mãe, compete, julga, bota culpa e faz a gente se sentir despreparada. Todo mundo tem uma dica mágica para dar. Mas ninguém pergunta se preciso de um banho, de um tempo sozinha ou de uma comida quente.

Coloquei limites. Me chamaram de ingrata. Mimada. Quanta confusão é ser mãe! Do meu filho, já aprendi a gostar. Mas disso tudo que envolve a maternidade... não. E agora? Ei, alguém pode me ouvir? Alguém pode me validar? Alguém pode me ajudar?

FERNANDA AZEVEDO

Cidade/estado: São Gonçalo/RJ
Perfil do Instagram: @fernandazevedo

Mesa posta

Põe a mesa no mesmo horário todos os dias. Café, bolo – hoje é de fubá com erva doce –, pão de sal, a manteiga na temperatura certinha, a geleia das framboesas que colheu no próprio quintal. Quando dá tempo, assa uma parte dos pães de queijo que congela para o mês. Chama os meninos pelo corredor, senta-se sempre de costas para a pia, mas perto da geladeira. É para o caso de alguém pedir leite ou o requeijão que a irmã trouxe quando veio de Minas Gerais.

- O bolo tá bom?
- Tá ótimo, Mutti.

Ri do jeito engraçado com que o filho mais velho mistura português brasileiro com alemão. O marido já foi trabalhar, mas, se estivesse à mesa, diria que o pão de sal que ela faz em casa é muito melhor que o Brötchen da padaria. Mochilas nas costas, leva os meninos até o ponto de ônibus. Dá um beijo na testa de cada um. Acena quando o ônibus parte. Dá meia volta, cumprimenta a vizinha romena e segue para casa.

Abre o jornal. Mais um centro de refugiados incendiado. Semana passada, indo ao mercado, um sujeito a ouviu falando em português ao telefone, olhou bem nos olhos dela e cuspiu em seus pés. Chamou-a de “imigrante imunda”. Costuma guardar a língua materna apenas para a família. Na rua, seu alemão C2 às vezes não parece suficiente para se sentir pertencente ao lugar. Um lugar que ela conquistou, trabalhando e estudando, mas que todo dia é ameaçado pelos intolerantes. Larga o jornal na mesa e abre o computador. Começa a trabalhar.

Nossa casa está dentro da gente, ela repete como um mantra. E a gente foi feita para estar no mundo. De prisões e limites, já bastam os da mente. Línguas, comida, afeto. Para onde ela for, não importam as linhas imaginárias que separam aqui de acolá, sempre levará o que construiu consigo. Ela é sua própria casa.

JULIANA ALVIM

Cidade/estado: Rio de Janeiro/RJ
Perfil do Instagram: @ajualvim

Silêncio

Conheci o silêncio.
Não o silêncio da música
que interrompe e veda o ambiente.
Mas o silêncio da companhia.
Você não tem alguém
a quem estender o que sente,
e talvez nem o desejo.
Simplesmente aceita.

As horas diminuem os passos,
e tudo se faz muito claro.
As ações ganham significado:
Tomar café, comer, tomar banho,
levantar-se para pegar algo,
Lavar o rosto, tirar a roupa,
sair, encontrar um hobby novo,
ou apenas se propor a viver.

Tudo isso não é pequeno,
requer esforço.
Mas, ao ser realizado,
proporciona sensação única:
a da própria companhia.

LUCY

Cidade/estado: Belém/PA
Perfil do Instagram: @lucyy_cardoso

Ovo

De manhã um ovo escorregou da mesa e caiu no chão. Imaginei que aquele ovo se abriria imediatamente em contato com a cerâmica. A sua composição e o seu cheiro desagradável podia fazer um estrago enorme na cozinha. Eu tinha certeza que seria insuportável limpar toda aquela sujeira. Mas isso não aconteceu, aquele ovo não sofreu um arranhão. Impressionada, deixei tudo que estava fazendo naquele momento para olhar o piso. O barulho foi opaco. Pouh. Nem quicou. Ali ficou, estático. E eu, estática em outro plano. Não ousei mexer um músculo. Precisava primeiro entender o que ele tinha de diferente dos outros. Peguei ele do chão e o guardei na geladeira. Passei o resto do dia reflexiva, inventando na minha mente as possíveis razões para que um ovo, com casca tão frágil, como eu deduzia, pudesse resistir a uma queda daquela. Não foi o suficiente, antes de anoitecer, fui até a geladeira, peguei aquele ovo, e como uma enfermeira, fiz alguns exames propedêuticos. Comecei olhando bem para ele, sua casca era levemente mais branca que as outras, aparentemente normal. Sempre tinha na geladeira ovos com diferentes tons de casca. Decidi colocar uma lanterna, mas não enxerguei nada em seu interior. Como um ovo com o mesmo peso que os outros pudesse ser vazio por dentro? Seu peso era de casca? Qual segredo ele escondia? Segurei ele com dois dedos, como se minha mão fosse uma pinça, queria sentir se assim, tanto eu quanto ele, teríamos medo de uma nova queda, eu precisava experimentar isso. Tentei equilibrar. Imaginei sua trajetória atravessando o vento, *como explodiria no chão? O trabalho da limpeza recompensaria minha revolta? Aquele ovo era rebelde, eu sentia.*

Não quebrar era uma maneira de me desafiar. Deixei-o sobre a mesa. Peguei todos os outros ovos que tinha. Apertei ele com uma mão e com a outra peguei um ovo diferente. Fechei os olhos e coloquei força. Um ovo quebrou. Senti sua gema escorrer entre meus dedos. Aquela sensação e o medo de ter quebrado o inquebrável. Novamente, sob a mesa deixei aquele ovo. Todos os ovos que caíam no chão quebravam, menos esse. Menos esse. Quando só sobrou ele, apertei com as duas mãos. Coloquei todas as minhas forças. Quando escutei um pequeno barulho. Ele rachou. Ao sentir que estava lesado, finalmente fiquei à vontade para me imaginar presa ali dentro. Naquela gema. Girando. Sonhando. Dançando nas paredes de sua casca e sendo inteiramente fiel a minha pré-vida.

MATHENOVÊ

Cidade/estado: Caruaru/PE
Perfil do Instagram: @escritodescrito



SELECIONADOS DA CHAMADA

MATHENOVÊ

Cidade/estado: Caruaru/PE
Perfil do Instagram: @escritodescrito

A Casa do Vizinho

Em uma esquina do centro de Belo Horizonte, a casa resistia como as árvores retorcidas pelo fogo na Serra do Curral. Com o tempo, os pais que a fundaram partiram, os filhos dos filhos seguiram seus rumos, os netos cresceram. Restaram os avós — e, entre eles, Iolanda, que percorria os cômodos que eram testemunhas de gerações. De fora, o que antes fora imponente agora parecia um mausoléu. O rosa suave da fachada desbotara até virar lembrança nos muros. O portão, entreaberto e preso nas dobradiças enferrujadas, lembrava a boca desdentada das pessoas em situação de rua que a contornavam pela sombra, sem vê-la como abrigo, pois, para eles, o alimento é onde mora a existência. O jardim, crespo de mato e ausência de paisagismo, imitava o cerrado poupado no alto do Parque das Mangabeiras. Na esquina, resistia em estado de apocalipse perante a besta-fera acinzentada que devorava tudo ao redor.

Do alto do nosso prédio, no 509, eu via as telhas antigas da casa — relíquias mais duras que o tempo — e imaginava o seu interior. A igreja, nas palavras do padre, nos ensinava a caridade; e minha mãe a praticava. Levávamos pão, bolo e ovos. A primeira vez que entrei, o ar trazia mofo, café requentado e um cheiro azedo. Iolanda raramente sustentava o olhar — como se a recente condição de dependência corroesse, pouco a pouco, a sabedoria cultivada ao longo da vida. Foi numa dessas visitas que percebi, pela fresta da porta, um vulto sentado na sala escura. Era o marido, disseram. Um homem que sofreu um derrame anos antes e, desde então, não falava, não andava e quase não comia. Um dia, Iolanda não atendeu. O portão estava

como sempre. Entramos. Ela jazia ao lado da pia, a mão ainda úmida de sabão. O chão brilhava. O marido seguia inerte. E as moscas já haviam chegado. Dizem que o marido morreu dias depois, sem ter se mexido.

Mais recentemente, a casa foi reformada. Pintaram de verde-claro, trocaram o portão, substituíram plantas por plantas com vasos. Uma nova família mudou-se para aquele lar: empresários de negócios de grandes empreendimentos de vendas de apartamentos modulares. Ironizavam o local — sinônimo do que “restara” — ressignificado em glamour, no conceito vintage, para agregar valor à experiência do serviço ofertado aos clientes que iriam comprar seus sonhos na Caixa.

MIRIAM CÉLIA

Cidade/estado: Belo Horizonte/MG
Perfil do Instagram: @miriam.celia

Eco

Quando o caçula deslumbrado afastou a concha do ouvido, o irmão mais velho comentou:

— O mar não está aí dentro, não, seu trouxa. O que você ouve é eco da sua cabeça!

Ele julgou que havia arruinado a experiência, mas o efeito foi o oposto. O garoto pensou consigo: "Trago o mar dentro de mim".

RODRIGO DOMIT

Cidade/estado: Jaraguá do Sul/SC
Perfil do Instagram: @rodrigodomit

Ardendo Sob o Sol da Toscana

"É a mais bela ragazza daqui", disse o garçom grisalho que me atendeu. Ao acompanhar seu olhar, vi mais três funcionários do restaurante com sorrisos abertos. Um deles acenou. Sorri e soltei um envergonhado *grazie mille*. Encarei as unhas, metade vermelhas, o rosto brilhando queimado do verão europeu, roupas sendo usadas pela segunda e terceira vez – combinações que pareciam muito simples frente aos laços das coreanas sentadas à mesa ao lado. Foram quatro dias na capital do renascimento. Desci na estação de Firenze quando o sol ardia meus ombros, a regata preta que usava desde o hostel napolitano cobrindo as marcas do mochilão – que desciam em escoriações pelas minhas costas. Já haviam passado dias de viagem e a casca de turista foi substituída por uma mais honesta: a de quem só se preocupava em pegar os melhores caminhos para as andanças. Não nego que quase me desculpei por tamanho desleixo: o contraste do luxo da cidade me deixava receosa. "É tudo mármore" – disse um amigo brasileiro apontando para a catedral.

"Será que Dante Alighieri iria gostar dos dois adolescentes ingleses tocando em absolutamente tudo?" – pensei, enquanto encarava os jovens junto à mãe. Aproveitei a serenidade que senti com minha língua materna ressoando nos meus lábios e nos de meu amigo. Bebemos Birra Moretti enquanto exploramos os arredores da Piazza della Signoria. Mentalizei Manoel de Barros, que em Roma, achou as pombas mais importantes do que um prédio bizantino. Diante da réplica de Davi de Michelângelo, próxima de Hércules e Caco, frente ao Palazzo Vecchio, uma criança encantada com as bolhas de sabão que

sua mãe, muito jovem, fazia, fez meus olhos brilharem. E como ria, cercada por figuras míticas estáticas perto do seu sorriso – e do meu. Liguei por videochamada para minha mãe ali mesmo, no meio de todo mundo. "Filha!" – exclamou ela, os olhos reluzentes. No outro dia, depois de uma noite em um quarto com dezoito camas, combinei de encontrar Lorenzo em uma praça próxima ao hostel.

"Você tem cara de Samara" – disse o florentino, enquanto olhava, gentilmente, meus cachos caídos nos ombros. Diante da Ponte Vecchio, acalentada pelo pôr do sol mais intenso daquela viagem, contemplei a verdadeira beleza: a Samara de mais de dez anos atrás, acostumada a arder sob o sol cuiabano, jamais pensaria estar ali, chacoalhando o leque tentando afastar o calor e comovida por simplesmente alcançar. E como alcancei – quase todas as coisas. Algumas, há milhares de quilômetros dali.

SAMARA FRANÇA DE CAMPOS

Cidade/estado: Rio de Janeiro/RJ
Perfil do Instagram: @fcsamara

No Meio do Tom

Estou há quase uma hora em frente ao computador, olhando para a ficha de inscrição de um concurso de crônicas. A princípio, é uma pergunta simples: cor. Mas para mim, essa pergunta nunca foi tão simples. Fui registrada como Branca, mas, conforme crescia, as pessoas passaram a me chamar de moreninha, Índia ou escurinha. Meu tio me chamava de moreninha cor de cuia — sabe, a cuia do chimarrão? Talvez seja uma referência que só os gaúchos entendam. De qualquer forma, desde cedo, soube que não era branca, mas também não era negra. Eu estava em algum lugar no meio. Você deve estar pensando: essa pessoa é parda, qual o problema? O problema é que ser pardo no Brasil é muito mais complexo do que parece. Por causa do racismo estrutural, existem pessoas da minha cor que se ofendem quando eu digo que sou parda, como se eu estivesse os colocando em um lugar de desprivilegio. E eu entendo esse incômodo. Quando era mais nova achava que dizer que era branca pudesse me proteger das piadas disfarçadas de brincadeiras que me acompanharam a vida inteira, mas nunca pode. Dizer que sou branca nunca me trouxe benefício algum — na verdade, sempre teve o efeito contrário. Toda vez que afirmava isso, surgiam risadinhas abafadas, braços pálidos se encostando ao meu sem permissão. Logo vinham comentários carregados de ironia: “Que coisa linda essa sua cor! Olhe para a minha, de palmito. Daria tudo para ter o seu bronze!” Mas eu sabia, no fundo, que jamais dariam. Ou ainda algo mais direto: “Você se acha branca mesmo?” Como se eu não conhecesse a cor da minha própria pele. Como se eu não soubesse que minha tataravó, Nena, era negra retinta, escravizada na cidade de Itaquí, com as costas marcadas pelas

chibatadas desferidas por pessoas brancas. Como se eu pudesse, ou quisesse, apagar a ancestralidade que carrego. Nos churrascos com a família do meu marido, já fizeram piadas sobre como seriam nossos filhos se puxassem meu lado. "Imagina que coisa linda uma neguinha arrastando os beicinhos no chão." Mas eles não achavam a coisa mais linda, e eu sabia disso. Então, que cor sou eu? Talvez minha cor seja a da resistência, da memória, da história que carrego. Ou talvez seja apenas a cor de quem vive todos os dias tentando entender onde pertence.

SHEISA AMARAL

Cidade/estado: Viamão/RS
Perfil do Instagram: @sheisabittencourt

**APOIE O NOSSO
TRABALHO CURTINDO,
COMENTANDO E
COMPARTILHANDO A
REVISTA.**

**USE AS NOSSAS
HASHTAGS**

#REVISTAESCRIBAS

#COLETIVOESCRIBAS

**DESEJA TER O SEU
TRABALHO DIVULGADO
NA REVISTA ESCRIBAS?
ACOMPANHE NOSSOS
PERFIS E FIQUE ATENTO
ÀS CHAMADAS.**



ESCRIBAS
REVISTA

Realização:



**Circuito
Catarinense
de Cultura**
PNAB/SC 2024



MINISTÉRIO DA
CULTURA

